



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-070-4
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925011	
CAPÍTULO 2	17
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925012	
CAPÍTULO 3	26
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
DOI 10.22533/at.ed.7041925013	
CAPÍTULO 4	37
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7041925014	
CAPÍTULO 5	52
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7041925015	
CAPÍTULO 6	64
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.7041925016	
CAPÍTULO 7	73
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925017	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925018	

CAPÍTULO 9	90
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.7041925019	
CAPÍTULO 10	101
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70419250110	
CAPÍTULO 11	115
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
DOI 10.22533/at.ed.70419250111	
CAPÍTULO 12	127
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.70419250112	
CAPÍTULO 13	145
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
DOI 10.22533/at.ed.70419250113	
CAPÍTULO 14	159
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70419250114	
CAPÍTULO 15	167
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.70419250115	
CAPÍTULO 16	177
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.70419250116	
CAPÍTULO 17	190
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.70419250117	

CAPÍTULO 18	200
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
Aline Santos Pereira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250118	
CAPÍTULO 19	211
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
Josilene Moreira Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.70419250119	
CAPÍTULO 20	221
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
Aline Wieczikovski Rocha	
Catiúcia Carniel Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.70419250120	
CAPÍTULO 21	231
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
Luziane Patricio Siqueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250121	
CAPÍTULO 22	242
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
Diego de Medeiros Pereira	
Simoni Conceição Rodrigues Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.70419250122	
CAPÍTULO 23	255
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
Ana Claudia Duarte Mendes	
Dejair Dionísio	
DOI 10.22533/at.ed.70419250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	270

DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL

Kátia Cristina Pelegrino Sellin

Aluna concluinte de pós-graduação, nível mestrado, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPG/UFMS), campus de Três Lagoas – Mato Grosso do Sul, Brasil.

Ricardo Magalhães Bulhões

Professor Doutor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPG/UFMS), campus de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo refletir acerca da dialogia que o romance *Fim* (2013), obra da autora carioca Fernanda Torres, estabelece com o clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis. Trata-se uma análise comparativa do diálogo entre cânone e produção contemporânea. A proposta deste trabalho de pesquisa surgiu, inicialmente, de uma questão fundamental: quem são os novos ficcionistas no cenário literário brasileiro do século XXI e com que temáticas e estilos dialogam? Diante disso, cabe investigar como se realiza a dialogia entre os textos eleitos como objeto de análise. Na tentativa de esclarecer inúmeras dúvidas que cercam os estudiosos que se prontificam de pesquisar as influências, procuraremos esclarecer algumas delas, como: é possível que a arte da criação venha do nada? Como

podemos afirmar que tudo tem uma fonte? Quais seriam as fontes? Existe criatividade em obras literárias ou tudo vem da fonte? Estas questões poderão ser esclarecidas através de análise de uma obra literária sobre a outra e de um autor sobre o outro, por meio do comparativismo.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo; cânone; produção contemporânea.

ABSTRACT: This research aims to reflect on the dialogue that the novel *The End* (2013), the book of the author from Rio de Janeiro, Fernanda Torres, establishes with Machado de Assis' classic *Posthumous Memoirs of Bras Cubas* (1881). This is a comparative analysis of the dialogue between canon and contemporary production. The proposal of this research came, initially, a fundamental question: who are the new fictionists in the Brazilian literary scenario of the XXI century and with which themes and styles do they dialogue? In view of this, it is necessary to investigate how the dialogue between the texts chosen as object of analysis is carried out. In an attempt to clarify innumerable questions that surround scholars who are willing to research influences, we will try to clarify some of them, such as: Is it possible that the art of creation comes from nothing? How can we say that everything has a source? What are the sources? Is there creativity in literary works or does everything come from the source? These

questions can be clarified by analyzing one literary work on the other, and one author on the other by means of comparativism.

KEYWORDS: Dialogue; canon; contemporary production.

1 | INTRODUÇÃO

Ao nos adentrarmos no âmbito da análise de obras contemporâneas de nossa literatura, vislumbramos a necessidade de enfatizar o diálogo que estas obras fazem com textos da tradição literária, devido principalmente ao fato de apresentarem relações que nos levam a comparações, por meio das quais fazemos relações entre os cânones e as obras contemporâneas. Dá-se o nome de influência intertextual a esta proximidade entre a tradição e o contemporâneo.

Nosso objetivo foi refletir acerca do diálogo que o romance *Fim* (2013), livro da autora carioca Fernanda Torres, estabelece com obras canônicas. Para tanto, problematizamos uma discussão sobre a questão do tradicional e do atual, tomando como ponto de partida o estudo de uma obra de ficção contemporânea, definindo o que é contemporâneo.

Verificaremos a estrutura narrativa, a qual está ligada à tradição e contemporaneidade, apontando as possíveis influências, concluindo que tradição e textos contemporâneos dialogam. Esta proposta de pesquisa surgiu, inicialmente, de uma questão fundamental: quem são os novos ficcionistas no cenário literário brasileiro do século XXI e com que temáticas e estilos dialogam? Diante disso, cabe investigar como se realiza o diálogo entre os textos.

2 | OBRAS CANÔNICAS E TRADIÇÃO

Os textos da tradição literária nos permitem interrogar como cada escritor dialoga com seus precursores, através de seu acervo de leituras anteriores, pois todo aquele que cria de algum modo se apropria daquilo que leu. Jorge Luís Borges afirma que, quando surge um grande escritor, é organizada toda uma tradição ao seu redor. Sendo assim, apresentamos o questionamento e a resposta de Ítalo Calvino (1993), “por que ler os clássicos?”.

Deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo (CALVINO, 1993, p. 11).

Calvino (1993) diz que as leituras feitas na infância devem ser revisitadas para que tenham uma nova impressão destas leituras. Os verbos *ler* e *reler*, de acordo com

o autor, não têm muita importância, pois de fato poderíamos dizer que toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. E, na verdade, dificilmente fazemos leituras. Fazemos na verdade sempre releituras.

Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura e um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (CALVINO, 1993, p. 11).

Quando surge um grande escritor, é organizada ao redor do mesmo uma tradição que resulta das leituras feitas por este autor e geralmente estas leituras são de obras canônicas. Fernanda Torres, por exemplo, diz que seus livros de cabeceira são da autoria Gustave de Flaubert e, na produção do romance *Fim*, fica perceptível a leitura anterior das obras de Machado de Assis.

O cânone não nasce pronto, ele é formado graças aos leitores e assegurado através da fortuna crítica da obra literária. O que não está nele foi marginalizado, pois para uma obra ser canônica ela passa por uma seleção. Ele é um projeto ideológico, histórico e de cultura. Ele não é apenas estético e também não é negativo, é positivo, mas precisa ser sempre revisto pelas universidades.

A tradição, quando passa por conceitos de retórica clássica, remete à *mimesis*, visão aristotélica que não teoriza conceitos. Faz uma apropriação imaginativa do que vem a ser o processo mimético e o conceito de verossimilhança. Esta verossimilhança não é apenas a verdade, mas uma estrutura textual que deve dar conta da *mimesis*. Em suma, é a representação do possível, a essência da tragédia e da epopeia, a proximidade com a realidade de forma fotográfica. Porém, antes de ler Aristóteles temos que ler Platão, principalmente em *A República*. Há diálogo entre os dois, porém, de acordo com BRANDÃO (1976, p. 66), há um “abismo que separa a concepção aristotélica da arte, face à concepção platônica”.

Ao analisarmos um romance contemporâneo como *Fim*, de Fernanda Torres, percebemos que ele segue alguns dos moldes canônicos, contudo devemos nos adentrar no contexto da obra, pois é a partir dele que abstraímos a cultura, a história e a ideologia que cercam a autora e o romance. Michel Foucault, na *Arqueologia do saber*, diz que todas as coisas têm uma formação básica. Tudo se constrói, por isso, quando buscamos o contexto da obra, direcionamos primeiro a nossa visão para aquilo que está mais latente, para aquilo que serviu de alicerce, para a fonte precursora.

É impossível pensar no termo “tradição” afastando da tríade: tradição – tradução – traição. Dentro da noção de tradição, encontram-se palavras relacionais como tradução e traição, as quais aludem à retomada e à busca de uma fonte precursora para as obras subsequentes. Para o romance *Fim*, pressupomos que a principal fonte precursora seja *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, para analisar o diálogo entre

textos, temos que primeiro conhecer o texto base.

Tradição, dentro do estudo etimológico da palavra, é mais dinâmica do que parece à primeira vista. *Traditio*, em latim, é a ação de entregar, de transmitir algo a alguém, de confiar algo valioso a outra pessoa. Uma pessoa tradicional é aquela que recebeu (e precisa transmitir depois) um conhecimento, uma herança ou uma responsabilidade do passado.

A tradição vai se reconstruindo e produzindo significados. Dentro da literatura, é um reflexo da sociedade e do ser humano, relacionando-se com a cultura, fazendo o sujeito existir no mundo, pois o texto literário tem sempre uma função. Ele pode deslocar coisas do cotidiano e a representação é o próprio deslocamento, é a própria produção. A ficção mostra a sociedade através da voz das personagens e a literatura acontece quando os escritores percebem que não podem desistir das palavras. Logo, a atividade literária é determinada pelas palavras, mesmo quando internalizado o fato de que ter voz não significa que será ouvido. “Pode o subalterno falar?” A garantia de que a voz será ouvida não existe.

3 | PROSA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – DO GERAL AO PARTICULAR

Procuramos usar mais o termo contemporâneo que os termos neo-realismo ou pós-modernismo, porém é ainda melhor usar o prefixo “neo” (novo) do que “pós” (posterior), todavia a preferência fica para o uso do termo contemporâneo.

Para contextualizar a prosa brasileira contemporânea do geral para o particular, temos que nos apropriar de alguns questionamentos como: “o que é contemporâneo?” e “o que significa literatura contemporânea?”. No livro *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, AGAMBEN (2009, p. 58), faz o seguinte questionamento: “De quem e do que somos contemporâneos? E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo?”.

O contemporâneo está relacionado ao tempo presente. Ainda que se trate de uma obra de memórias, reminiscências, como *Fim*, que é um romance que mostra as lembranças de cada personagem protagonista, a contemporaneidade está ligada ao tempo presente.

Em outro livro, *O homem sem conteúdo*, Giorgio Agamben (2012) tenta atingir um público interessado nas questões filosóficas contemporâneas. Procura pensar no lugar do homem na sociedade, no pensamento político, descreve a agonia da cultura ocidental a partir de uma coincidência de visões.

A experiência da arte que, nessas palavras, vem à linguagem não é de modo algum, para Nietzsche, uma estética. Ao contrário, trata-se exatamente de purificar o conceito de ‘beleza’ da sensibilidade do espectador, para considerar a arte do ponto de vista do seu criador. Essa purificação é realizada através de uma inversão da perspectiva tradicional sobre a obra de arte: a dimensão da esteticidade – a apreensão sensível do objeto belo pelo espectador – cede o lugar à experiência criativa do artista, que vê na própria obra apenas uma promessa de felicidade.

A arte contemporânea é considerada a partir da visão de seu criador, ou seja, é o autor implícito na sua criação. Algumas vezes o sujeito que escreve pode esquecer-se de si, outras vezes o sujeito, na literatura contemporânea, se torna um ser sempre errante. Por exemplo, a linguagem do escritor paranaense Wilson Bueno, considerada errante.

No romance *Fim*, partimos do pressuposto de que exista a Síndrome Hipertimésica, isto é, a lembrança de tudo, a supermemória, contada a partir do ponto de vista de cada personagem protagonista, mas uma lembrança que foi deixada sem nenhum testamento. Lembra-se de tudo, porém para que? Pois às vezes temos que esquecer as coisas. A justificativa é a de que seja necessário lembrar para que não volte a acontecer.

Roland Barthes (1987) quando fala do prazer do texto diz que esse prazer é o próprio ser humano, o desejo de aprender que o livro é um objeto de desejo que desperta o prazer. Os grandes textos literários são os que trabalham sobre o ser humano. As obras de cunho filosófico, que bebem na fonte do Existencialismo, atingem grande relevo na literatura. As relações entre a linguagem e a psicologia são muitas vezes estreitas. Assim acontece também em relação à palavra e o tempo verbal. Estas relações muitas vezes se tornam indissociáveis. No romance *Fim*, por exemplo, a linguagem objetiva e seca da autora pode estar relacionada com a melancolia de escrever um livro sobre óbitos. Seu estilo conciso também pode revelar o estilo de personagens masculinas, pois os homens são considerados mais racionais e objetivos do que as mulheres. Embora a autora seja mulher, ela retrata a visão de cinco homens e, talvez por isso, sua escrita não seja tão subjetiva e detalhista.

Quanto ao questionamento sobre o que significa literatura contemporânea, recorreremos a Karl Erik Schollhammer (2009), crítico literário que procura entender como o termo contemporâneo define e recorta a ficção em uma perspectiva temporal, dizendo que se procurarmos um conteúdo do termo que ultrapasse a sua compreensão, poderíamos apontar para características particulares da atualidade.

A literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente (...). O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

O contemporâneo para a literatura revela certo anacronismo e, mesmo quando trabalha a realidade histórica, relaciona-se com o tempo presente, a atualidade em que se conta um fato que já passou. A expressão “orientar-se no escuro” remete ao fato de se ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o

qual não é possível coincidir.

4 | DIÁLOGO – A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA

No plano da estrutura, *Fim* é o primeiro romance de Fernanda Torres. Foi publicado em 2013 pela Companhia das Letras, apresenta em sua estrutura, segundo Antônio Cícero, uma alternância de técnicas narrativas, com destaque para magistrais instâncias de fluxo de consciência, capturando a dramática oscilação de tristezas e ilusões, grossuras e sutilezas, pequenos afazeres e grandes esperanças, cujo entrecruzamento compõe as tragédias e as comédias humanas de nossos dias.

Os capítulos começam uma narrativa em primeira pessoa em que o protagonista, com a morte lhe batendo à porta, relembra fatos de sua vida. O narrador muda em seguida para a neutralidade de uma terceira pessoa e vai alternando o foco narrativo entre vários personagens secundários da trama. O epílogo remete a uma cena descrita no primeiro capítulo, fechando o círculo com um episódio que parecia menor a ponto de ser esquecido, e que só no fim vai revelar sua real importância. São fragmentos da história principal, contados através de diferentes vozes e ângulos, apresentados como peças de um quebra-cabeça.

No Brasil, tenta-se criar “nada do nada” e, assim, surgem obras que não se sustentam. Harold Bloom (1973) afirma que tudo tem uma fonte, nada é totalmente puro e, para se apropriar de algo, faz-se necessária certa capacidade. A ideia central de Bloom (1973) era denominar a influência do precursor sobre seu “discípulo”, declarando que o precursor deixa para seu leitor a melhor parte, e o leitor dela se apropria. Essa apropriação denomina-se influência, e o próprio crítico diz que influenciar alguém é lhe entregar a própria alma.

O romance contemporâneo *Fim*, da escritora carioca Fernanda Torres, apresenta possíveis fontes de influências que propiciaram à escritora a criação da obra literária. Tais influências podem ter acontecido até de modo informal, através de simples leituras anteriores da escritora que, aliado à arte de escrever, tornou possível a produção do romance *Fim*, o qual já colheu os primeiros elogios de escritores famosos como Luís Fernando Veríssimo e João Ubaldo Ribeiro.

O romance de Fernanda Torres focaliza a história de um grupo de cinco amigos cariocas que rememoram as passagens marcantes de suas vidas, desde festas a casamentos frustrados, separações e reencontros que a vida proporciona. Observamos, a partir do fluxo de consciência desses narradores criados realisticamente pela autora, o modo como a obra contemporânea reescreve, através de um texto poético, lírico, as passagens memorialísticas de cinco personagens que estão no extremo da vida. O romance *Fim* nos faz refletir sobre o seu caráter existencialista, bem como possíveis fontes de influências canônicas que propiciaram à escritora a criação de sua obra literária.

Partindo do romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, notamos o modo como o texto de Fernanda Torres estabelece uma relação paródica, um canto paralelo com um clássico, uma obra canônica. Vale destacar, ainda, que a paródia já existia na Grécia, em Roma e na Idade Média. No entanto, segundo SANT'ANNA (2007, p. 8), o termo institucionalizou-se a partir do século XVII e a paródia promove uma “alquimia de materiais estilísticos e formais que tornam o texto literário um código que só os iniciados podem decodificar”. Dentro desse processo metalinguístico de se valorizarem não apenas textos alheios (intertextualidade), como também os próprios textos (intratextualidade, o texto dialoga consigo), o autor contemporâneo torna-se “discípulo” do autor lido e, possivelmente, se esse indivíduo desenvolver-se como autor, as leituras anteriores que fez influenciarão na produção da sua obra.

Talentos mais fracos são presas de idealizações: a imaginação capaz se apropria de tudo para si. Mas nada vem do nada e a apropriação envolve, portanto, imensas angústias de débito, pois que criador forte jamais desejaria a consciência de não ter criado a si mesmo? (BLOOM 1973, p. 33).

Harold Bloom (1973), nessa citação, remete aos conceitos de que nada se cria do nada, ou seja, dentro de um texto podem existir outros textos implícitos, pois não existe texto puro em sua essência. Todo autor, para escrever seu texto, busca primeiro conhecimentos em outros textos, até que tenha um conhecimento enciclopédico para a sua obra. Maria Tereza Fraga Rocco (1995) diz que o indivíduo que lê sente a necessidade de escrever, e o indivíduo que escreve sente a necessidade de ler, pesquisar, buscar inspiração em quem já escreveu sobre o assunto. Em nosso trabalho, essa “inspiração”, a qual chamamos influência, remete àquilo que a leitura causa no imaginário do autor para a produção de seu texto, a se denominar intertextualidade.

Em suma, nada pode ser considerado totalmente puro, e as inspirações vêm, na maioria das vezes, das leituras anteriores e daquilo que o autor sente ao escrever. Mais adiante, o próprio Harold Bloom (1973) afirma que tudo tem uma fonte, nada é totalmente puro e, para se apropriar de algo, faz-se necessária certa capacidade.

(...) A imaginação capaz se apropria de tudo para si. Mas nada vem do nada e a apropriação envolve imensas angústias de débito (...). A influência é simplesmente a transferência de personalidade, uma maneira de entregar a outro o que se tem de mais precioso: seu exercício, que produz uma sensação e talvez mesmo a realidade de uma perda. Todo discípulo se apodera de alguma coisa de seu mestre (BLOOM 1973, p. 34).

Através dessa citação, pode-se perceber que a ideia central de Bloom (1973), em seu livro, era denominar a influência do precursor sobre seu “discípulo”, declarando que o precursor deixa para seu leitor a melhor parte, e o leitor dela se apropria. Essa apropriação denomina-se influência, e o próprio Bloom (1973) diz que influenciar

alguém é lhe entregar a própria alma.

Fernanda Torres demonstra que se inspirou em Machado de Assis, pois o autor, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, criou um narrador-defunto e Torres criou cinco. Além disso, ela cita um trecho de um livro machadiano: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”, exemplo de intertextualidade explícita (p.174). Ribeiro morreu sem filhos e sem mulher (p. 88), nos moldes de Brás Cubas: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

Por outro lado, há um contraste entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Fim*: onze amigos no velório de Brás Cubas. E Álvaro dizendo “não tenho mais amigos vivos, o Ribeiro era o último” (p. 14) e “já foram tantos: os anos e os amigos” (p. 15).

Ribeiro, como Dom Casmurro, não teve certeza da traição de Suzana com Sílvio: “Suzana era a única resposta para a questão que o corroía havia trinta e três anos. Ocorrerá, ou não, a traição?” (p. 81). Todavia, no romance *Fim*, a traição fica evidente.

Outro ponto em comum entre Fernanda Torres e Machado de Assis, é o fato de ambos serem do Rio de Janeiro e apresentarem usos e costumes da sociedade carioca, cada um a seu tempo. Ela cita inclusive o Cosme Velho (p. 43), local frequentemente citado nos textos narrativos do insuperável mestre Machado de Assis. Ademais, ambos podem ser considerados autodidatas.

Autores como Monteiro Lobato e Vinícius de Moraes são mencionados na narrativa. Inclusive há momentos de extremo lirismo com citação de trechos da canção “Samba em Prelúdio”, de Vinícius, por exemplo, no amor entre as personagens Ciro e Ruth. Chega a citar o mito das almas gêmeas e a concepção de amor presente na obra “O Banquete”, de Platão (p.112). Cita: “Só se ama aquilo que não se tem” (p. 112). Também há a devoção amorosa de Neto por Célia. Ele passa a viver um luto perpétuo após a morte da esposa. O amor “Eros” entre Ciro e Ruth, o testemunho do encontro, a sensualidade, da grande revolução sexual que sacudiu a década de 60: “O amor nada tem de etéreo, é carne, é físico, e brutal” (p.114 - 115).

Citações populares como “infância da minha velhice” (p. 74) e “o ser humano não é movido por bons sentimentos” (p. 76), que nos levam a reflexões, são constantes na obra. Raquel, “aprendeu, desde cedo, que o mundo é injusto”; “toda grande alegria antecede uma tragédia maior” (p. 122). Referência a Nietzsche: “Ruth (...) era culta e inteligente (...) lia Nietzsche” (p.111).

Ler a própria vida de uma nova maneira é o que nos propõe o romance *Fim*. Vidas entrecruzadas contadas por cada personagem protagonista, cada vivência passa pela visão e cada qual faz a uma reelaboração dos mesmos acontecimentos. A morte é nosso último trauma e lembrar-se de um trauma, escrever sobre um trauma, pode nos fazer esquecer este trauma. Assim como se pode escrever uma coisa para depois reelaborar outra estrutura de construção.

No livro *Teoria do romance*, de Donald Shuller, há o seguinte questionamento “o romance está morrendo?”, faz-se uma correlação entre teoria e texto literário. Esta correlação permite a comunicação, o diálogo. O romance *Fim*, longe de significar a

morte do romance, fala da morte apenas, indo além ao mostrar que há vida por detrás de cada óbito.

A influência da Sociologia e da Filosofia aparece de forma marcante na obra de Fernanda Torres, principalmente de maneira implícita. Notamos que o livro trabalha dois aspectos importantes: o aspecto sociológico, no levantamento de causas sociais, como racismo, má conservação de calçadas e estradas, denúncia do problema do meio ambiente, etc. E em relação ao aspecto filosófico, destaca o problema insolúvel da morte na existência humana, com provável influência da filosofia do Existencialismo. Em suma, filosoficamente a autora parece querer comprovar sempre que a vida é nada, por causa da morte. Sociologicamente, a autora apresenta a sua real mensagem ao escrever este livro, de que a vida é tudo, portanto temos que dar valor à vida, defendendo as causas sociais para melhorar a qualidade de vida para todos os seres humanos, principalmente os brasileiros. Esta é a possível mensagem do romance *Fim*.

Será que foi ao acaso, sem nenhum objetivo determinado, que a autora elaborou sua obra ficcional, o romance *Fim*, com tantos óbitos? Óbito não só dos cinco protagonistas principais, quanto também de alguns personagens secundários. Também fica perceptível a originalidade autoral ao tratar de um tema social como a velhice, presente citação do protagonista Ribeiro:

Não notei a velhice chegar. É traiçoeira, a danada. Aos trinta não se aparenta mais quinze, aos quarenta, desaparecem os sinais dos vinte, aos cinquenta, os dos trinta, leva uma década para realizar as perdas. Eu não percebi, me sentia o mesmo, vigoroso, maduro, em cima do lance. Foi ali, na separação da Suzana, que sofri o baque (TORRES, 2013, p. 95).

Acurada análise do estilo individual da escritora, observando e comparando suas marcas autorais, permite a compreensão de que, embora existam influências, Fernanda Torres, assim como diversos autores da ficção contemporânea, consegue desenvolver sua criatividade ficcional com originalidade. A partir da análise da materialidade, ou seja, da estrutura, todo texto pode dizer alguma coisa e, por vezes, a mesma coisa, de diferentes maneiras. Os objetos de pesquisa podem ser os mesmos, mas devemos que encontrar algo novo em cada um deles.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fim foi um bom começo para Fernanda Torres, foi a estreia dela na literatura de ficção. O livro fala de óbitos e tratar da morte não é algo comum ou fácil de fazer. Exige abstração e desprendimento diante da vida. É necessário que se beba das fontes da reflexão filosófica.

Manuel Bandeira diz que “quando a indesejada das gentes chegar / (...) encontrará lavrado o campo, a casa limpa, / a mesa posta, / com cada coisa em seu

lugar”, sutil maneira, própria de Bandeira, ao referir-se à morte como a indesejada das gentes. Surge um silêncio pesado e constrangedor nas palavras do poeta por aludirem à morte, tema este que não se presta a brincadeiras, não pode ser banal. No romance *Fim*, os personagens narram suas histórias partindo da derradeira hora, o fim da vida. Casaram, traíram, foram traídos, separaram-se e, depois de terem aprontado tudo, chegaram ao fim.

Cânones e obras de ficção contemporânea dialogam constantemente, o romance *Fim* não poderia ser diferente. O paradoxo existe porque o livro foi escrito por uma autora conhecida como atriz que interpreta personagens de comédia, produzindo um livro que traz mais melancolia do que humor, por tratar do fim da vida, com certa dose de ironia e linguagem objetiva.

O romance *Fim* bebe das fontes clássicas da literatura, seguindo moldes canônicos, sempre com novo tom, um tom pós-moderno, neo-realista, contemporâneo, presente em cada linha, com a verossimilhança dentro da ficção, a partir da vida de cada personagem.

A obra fala de morte. Um paradoxo tratar de óbito para uma escritora que exerce a função de atriz comediante. No entanto, o livro aborda a morte e também a vida, a partir dos cinco protagonistas que contam suas vidas do início ao fim, sempre com um fino humor e algum sarcasmo. O romance não fala apenas de morte, ele faz uma reflexão sobre o viver humano, sob a perspectiva existencialista. Portanto, *Fim* é uma obra contemporânea que, embora tendo recebido influências da tradição literária, lança a autora Fernanda Torres no campo da criatividade ficcional.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O homem sem conteúdo**. Trad. Cláudio Oliveira. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BLOOM, H. **A Angústia da Influência**. Tradução de Arthur Nastrovski. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1973.

BRANDÃO, R. O. **A tradição sempre nova**. São Paulo: Ática, 1976.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1998.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

PROLEITURA. **Entrevista com Maria Thereza Fraga Rocco.** Ano 2, N° 6, Agosto, 1995.

SANT'ANNA, A. R. **Paródia, Paráfrase e Cia.** São Paulo: **Ática**, 2000.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção Brasileira Contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

TORRES, F. **Fim.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

